

Entre o balcão e a vida: quando cuidar é mais do que tratar

N um tempo em que a medicina avança a um ritmo vertiginoso, a experiência de ser doente continua, paradoxalmente, marcada por obstáculos muito concretos: esperas prolongadas, percursos fragmentados, linguagem técnica pouco acessível e uma solidão que raramente aparece nas estatísticas, mas pesa no quotidiano. Para quem vive com uma doença crónica como a Esclerose Múltipla, a gestão da saúde não se resume a consultas e terapêuticas; é um exercício contínuo de equilíbrio entre o corpo, a mente e o sistema que deveria cuidar de ambos.

Entre esses desafios, a adesão à terapêutica surge com um dos mais críticos. Não por falta de vontade, mas porque os regimes são complexos, os efeitos secundários são reais e a vida — com as suas exigências — não para. A isto soma-se a dificuldade em compreender plenamente a doença e em navegar num sistema de Saúde que, apesar da sua qualidade, permanece muitas vezes opaco para quem mais precisa dele. É neste contexto que as farmácias comunitárias assumem um papel silencioso, mas profundamente relevante. São, muitas vezes, o primeiro e mais frequente ponto de contacto com o sistema de Saúde. Sem marcação, sem barreiras, com um rosto conhecido do outro lado do balcão. Mais do que locais de dispensa de medicamentos, são espaços de escuta, de aconselhamento e, não raras vezes, de confiança.

Hoje, muitas farmácias já acompanham doentes na gestão da sua medicação, ajudam a identificar interações, reforçam a importância da adesão e esclarecem dúvidas que ficaram por colocar noutras consultas. Algumas vão mais longe, oferecendo serviços de rastreio, vacinação e monitorização de

parâmetros clínicos. Mas o seu potencial está ainda longe de plenamente realizado.

Num sistema que precisa de se tornar mais integrado e centrado na pessoa, as farmácias podem evoluir para verdadeiros “nós de proximidade”, capazes de acompanhar o doente de forma continuada, sinalizar fragilidades, promover literacia em saúde e encaminhar para outros recursos da comunidade. E é aqui que a articulação com as associações de doentes ganha particular relevância.

Associações como a Sociedade Portuguesa de Esclerose Múltipla conhecem, como poucos, a realidade vivida pelos doentes. Trabalham na capacitação, no apoio psicossocial, na defesa de direitos e na construção de respostas que vão muito além do ato clínico. Quando uma farmácia e uma associação se encontram — de forma estruturada e não apenas pontual — abre-se a possibilidade de um modelo de cuidado verdadeiramente integrado.

Imaginemos uma farmácia que, ao identificar um doente recentemente diagnosticado, o encaminha para uma associação onde encontrará informação, apoio e comunidade. Ou uma associação que, ao perceber dificuldades na adesão terapêutica, articula com a farmácia local para um acompanhamento mais próximo. Este movimento bidirecional, simples na sua essência, pode ter um impacto profundo na qualidade de vida das pessoas.

O futuro dos cuidados de saúde não se constrói apenas nos hospitais ou nos gabinetes ministeriais. Constrói-se, também, na proximidade das farmácias e na dedicação das associações. Entre o conhecimento técnico e a experiência vivida, entre o medicamento e o cuidado, existe um espaço fértil que importa ocupar.

Talvez o maior desafio — e simultaneamente a maior oportunidade — esteja precisamente aí: transformar pontos de contacto isolados numa rede viva de apoio, onde ninguém se perde no caminho. Porque, no fim, cuidar não é apenas tratar. É acompanhar e dar esperança. +



Sem Preconceito

Falar de saúde e de doença começa com empatia.

Um podcast sobre vidas que podiam ser a sua.

Junte-se às conversas
#SemPreconceito

Um projeto apoiado por:



Alexandre Guedes da Silva

Presidente da Sociedade Portuguesa de Esclerose Múltipla

